

ESCOLA FLUMINENSE DE PINTURA
PINTORES E DOURADORES DO BARROCO
FREI RICARDO DO PILAR

Pintor sacro, um dos primeiros a atuar no Brasil e o mais antigo conhecido a produzir no Rio de Janeiro. Nasceu em Colônia, Alemanha, em c. 1630, tendo emigrado em 1660 para o Brasil. Em Salvador, pintou uma tela representando o Senhor dos Martírios para o Mosteiro de São Bento daquela cidade. No Rio de Janeiro, onde sua presença está documentada desde 1676, executou até 1683, 14 painéis sobre a vida de santos e monges beneditinos para a capela-mór do Mosteiro de São Bento. Na sacristia do mesmo cenóbio, pintou outra tela do Senhor dos Martírios, que é considerada sua obra prima. Atribuem-se-lhe uma terceira tela do Senhor dos Martírios, que se encontra no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Sua pintura, bastante vinculada ainda com o renascimento, mostra influência das antigas escolas alemã e flamenga. Entrou para a ordem beneditina em 1695.

Faleceu no Rio de Janeiro em 1702, sendo enterrado no Mosteiro de São Bento desta cidade.

JOSÉ DE OLIVEIRA ROSA

Pintor da antiga Escola Fluminense, nasceu em data ignorada no Rio de Janeiro. Viveu entre 1690 e 1770. Sua vida, no entanto, é quase desconhecida. Foi o primeiro pintor fluminense que se distinguiu por seus trabalhos. Sabe-se, também, que teve dois alunos que alcançaram algum relevo: João Francisco Muzzi e João de Sousa. Alguns autores dão-no como discípulo de Frei Ricardo do Pilar.

Entre as suas obras, destacaram-se: grande painel alegórico pintado na sala das audiências da Casa dos Governadores (hoje Paço Imperial), representando o Gênio da América, destruído ainda no reinado de D. João VI. Um painel representando a Virgem do Carmelo, na abóbada da capela mór da Igreja do Camo, destruído ainda no reinado de D. João VI, substituído por outro de Raimundo da Costa e Silva, este, por sua vez, também destruído no século XX. Painéis da Capela das Relíquias do Mosteiro de São Bento, em especial os painéis de Santa Bárbara e da Visão de São Bernardo, ambos datados de 1769/70. Estes ainda existem.

CAETANO DA COSTA COELHO

Pintor barroco, nasceu em Portugal, em c. 1700. Um dos grandes nomes da Escola Fluminense de Pintura; sua pintura perspectivista no teto da capela-mór e da nave da Igreja de São Francisco da Penitência, do Rio de Janeiro, é a mais antiga e perfeita do Brasil. Debret levava seus alunos neste templo para lhes mostrar a perfeição de sua perspectiva e composição. Segundo documentos, Caetano foi contratado pela Ordem em 1732, para dourar a talha da capela-mór, a pintura artística da abóbada e oito quadros. Em 1736, foi o artista contratado novamente para proceder a diversas dourações na nave-mór e pintura de diversas imagens. Em 1737, o artista foi contratado para proceder a pintura da abóbada da nave-mór. Em 1740 foi Caetano contratado para dourar a capela dos Exercícios. Já em 1743 era Caetano pago por ter completado todo o serviço de pintura da igreja. Seu nome desaparece dos documentos à partir desta data.

Nada mais se sabe.

PINTORES E DOURADORES DO ROCOCÓ
LEANDRO JOAQUIM

Pintor da antiga Escola Fluminense de Pintura, nasceu no Rio de Janeiro em c. 1738. Fez também trabalhos de cenografia para a ópera de Manuel Luís (1767). Pintou quatro

painéis para a Igreja do Parto, trabalhos desaparecidos (1789). Salvou-se o retrato do Vice-Rei Luís de Vasconcelos, que se encontra no Museu Histórico Nacional. Pintou diversos painéis sacros para a Igreja de São Sebastião, no morro do Castelo, trabalhos que foram para a nova igreja, na rua Haddock Lobo. Em 1789, fez dezesseis painéis ovais para dois pavilhões do Passeio Público, dos quais sobrevivem apenas seis, os quais, são as primeiras telas paisagísticas da cidade, hoje repartidas pelos acervos do Museu Histórico Nacional e Museu Nacional de Belas Artes. Atingido pela febre “Zamparina”, ficou paralítico. Fez então a promessa que, caso se curasse, pintaria um retrato da Virgem da Boa Morte e o doaria à esta igreja. Ficou curado e cumpriu a promessa, estando hoje o quadro na Igreja de Nossa Senhora da Conceição e Boa Morte, à rua do Rosário. Pintou um retrato do Vice-Rei Conde de Resende (1791), que se encontra no Museu Histórico Nacional.

O artista faleceu no Rio em c. 1798.

MANUEL DA CUNHA

Pintor, pertenceu à antiga Escola Fluminense de Pintura. Negro, nasceu escravo em 1737, no Rio de Janeiro, na casa da família do Cônego Januário da Cunha Barbosa, de quem adotou o sobrenome. Tomou as primeiras lições de pintura com João de Sousa, no Rio de Janeiro. Seu dono, percebendo seu talento para o desenho, levou-o à Portugal para aprender artes. Aperfeiçoou-se em Lisboa e, quando voltou, passou a dar aulas de pintura. Um comerciante, José Dias da Cruz, ajudou-lhe comprando sua alforria. Principais obras: pintura do teto da Capela do Senhor dos Passos, na Igreja do Convento do Camo; Retrato do Conde de Bobadela (1757), que está no hall do Palácio Pedro Ernesto, na Cinelândia; painéis para a Igreja de São Sebastião, no Castelo, hoje removidos para a nova igreja, na rua Haddock Lobo; diversos quadros para o Mosteiro de São Bento; retratos de vários benfeitores da Misericórdia, bem como diversos estandartes para as procissões da mesma igreja; painéis da Capela do Noviciado (1808), da Igreja de São Francisco de Paula, no Largo de São Francisco, no Centro; atribuem-lhe também as pinturas da Capela do Noviciado(1794), da Igreja da Ordem Terceira do Camo, na rua Direita.

Faleceu de congestão cerebral, em 26 de abril de 1809, sendo enterrado na Igreja de Nossa Senhora da Conceição e Boa Morte.

JOSÉ LEANDRO DE CARVALHO

Pintor da antiga Escola Fluminense de Pintura, nasceu em Muriqui, Distrito de Itaboraí, em c.1770. Mostrando propensão para a arte, dirigiu-se ao Rio de Janeiro, onde começou a estudar desenho com um artista pardo chamado Manuel Patola.

Começou pintando painéis para a Igreja do Bom Jesus, trabalho que se perdeu; fez muitos retratos de D. Maria I e D. João VI(1808), estando alguns no acervo do Museu Histórico Nacional; e pintou cenários para o Teatro São João, hoje João Caetano(1813), trabalhos perdidos; em 1817, encarregou-se do douramento da Capela Real. Para esta capela, realizou as pinturas ovais dos doze apóstolos que omam as pilastras. Pintou um retrato da Família Real, que foi colocado no altar-mór da Capela Real, trabalho que teve de recobrir de cal após a renúncia de D. Pedro I, em 1831. Em 1826, pintou estandartes com a efígie dos quatro Doutores da Igreja para o templo de São Francisco de Paula, no Largo de São Francisco, e dois anjos para a capela-mór da mesma igreja. Fez também muitas pinturas com temas sacros para o Mosteiro de São Bento. Após o episódio que aconteceu com seu painel na Igreja do Camo, caiu em depressão, falecendo a 09 de novembro de 1834, sendo enterrado nas catacumbas da Igreja de São Francisco de Paula. Em 1850, o painel foi restaurado por Manuel de Araújo Porto Alegre, mas depois foi retirado e perdido em 1889. Em seu lugar, está uma pintura sacra de Antônio Parreiras.

FREI FRANCISCO SOLANO BENJAMIM

Pintor e desenhista, nasceu na vila de Santana de Macacu, Rio de Janeiro, em c. 1750. Pintor autodidata, frade franciscano do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Desenhista, foi designado pelo Vice-Rei Luís de Vasconcellos e Souza para acompanhar a expedição de Frei Mariano da Conceição Veloso através do Brasil. Principais obras: São Carlos oferecendo um poema à Virgem da Assunção; Santa Ismênia; Senhor da Paciência; todas no Convento de Santo Antônio, no Largo da Carioca. Para o Convento de Santo Antônio de São Paulo, executou pinturas decorativas, a maior parte delas perdidas. Ilustrou a Flora Fluminense de Frei Mariano da Conceição Veloso.

Faleceu a 20 de dezembro de 1818, no Rio de Janeiro.

MANUEL DIAS DE OLIVEIRA BRASILIENSE (O ROMANO)

Pintor e professor, nasceu na Vila de Santana do Macacu, Rio de Janeiro, a 22 de dezembro de 1763. No Rio de Janeiro, começou a aprender ourivesaria, mas a preteriu pelo desenho. Jovem, teve o apoio de um bondoso comerciante português que lhe propiciou a ida a Portugal. Verificou-se que já demonstrava singular talento para a pintura, pois, tendo falecido seu primeiro benfeitor, na cidade do Pôrto, onde estava o jovem fluminense, logo encontrou quem lhe custeasse a estada em Lisboa, dando prosseguimento mais intenso ao preparo artístico. Aperfeiçoou-se em seguida com Pompeo Battoni, na Academia de San Lucca, de Roma (advindo-lhe daí o apelido pelo qual ficou conhecido: o Romano). Nomeado regente da Aula Pública de Desenho e Figura, quando esta foi criada por Carta Régia de novembro de 1800, ali, não admitindo em suas aulas o ensino pela estampa, impôs o trabalho diante do modelo vivo. Trabalhou por 26 anos. Estabeleceu em casa aula de nu. Entre seus alunos cabe destacar Francisco Pedro do Amaral. Era um bom pintor de frutos, flores e natureza morta, e habilíssimo em trabalhos decorativos. A maior parte das decorações para a recepção de D. João VI foi trabalhada por ele. O seu desenho não tem grande elegância e correção, porém o colorido foi-lhe vibrante e claro. Com a chegada dos artistas franceses, da colônia de Lebreton (1816), a sua notoriedade sofreu seriamente. Também já estava cansado, velho e cheio de filhos. Desistiu da profissão. Retirou-se para a cidade de Campos, onde abriu um colégio de primeiras letras. Principais obras: A Caridade; Nascimento de Da. Maria; Milagre de Santa Isabel, Rainha de Portugal; Nossa Senhora da Conceição (todas no Museu Nacional de Belas Artes, do Rio de Janeiro); Senhora de Santana (acervo da Casa da Moeda, em Santa Cruz); Retrato de D. João VI e Da. Carlota Joaquina (acervo do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro); Retrato de D. João VI na Varanda da Coroação, em 1818(hoje perdido).

O artista faleceu em Campos, no Rio de Janeiro, a 25 de abril de 1837.

FRANCISCO PEDRO DO AMARAL

Pintor, nasceu na segunda metade do século XVIII. Frequentou a Aula Régia de Desenho e Pintura, criada no Rio de Janeiro em 1800 e entregue à orientação de Manuel Dias de Oliveira Brasiliense. Por Decreto Real de 23 de novembro de 1820, estabelecendo no Rio de Janeiro a Academia e Escola Real das Artes, dela tornou-se pensionário, recebendo 300\$000 anuais. Indicando-o como brasileiro e dando como data de sua morte a 10 de novembro de 1830, Jean Baptiste Debret citou-o em Voyage Pittoresque et Historique au Brésil (1834-39), entre os alunos fundadores, em 1824, da classe de pintura da Academia Imperial de Belas Artes, do Rio de Janeiro, comentando a seu respeito: "Pintor, diretor das obras de pinturas para a decoração dos palácios imperiais e da Biblioteca Imperial". De fato, ocupou o cargo de Decorador da Casa Imperial, realizando trabalhos em salas do Paço da Cidade e da Quinta da Boa Vista, bem como em residências particulares de altas personalidades da época, entre as quais as da Marquesa de Santos, em São Cristóvão;

referindo-as como os únicos exemplos de seus trabalhos decorativos que chegaram aos nossos dias; casa do Marquês de Inhambupe, no Campo de Santana; e de Plácido Antônio Pereira de Abreu, no Campo dos Ciganos. Desenhou a nanquim e sépia o projeto e planta de um monumento em memória do dia 26 de fevereiro de 1821. Em relação ao Paço da Cidade, foi Francisco Pedro do Amaral um grande alegorista, autor de monumentos desse gênero em todas as festas do Primeiro Reinado. Por ocasião do segundo casamento de D. Pedro I, em 1829, restaurara os velhos coches, publicando um folheto interessante a esse respeito, transformou, por ordem de D. Pedro I, a pintura da antiga sala de audiência dos Vice-Reis (sobre o tema do “Gênio da América caminhando para o triunfo da Humanidade ao mesmo tempo que o sol fazia o giro do oriente para o ocidente), atribuída a José de Oliveira Rosa e que já fora acrescentada por Manuel da Costa, na época de D. João, com o simbolismo do Reino Unido sustentando um estudo. Manuel de Araújo Pôrto Alegre referiu-o também como caricaturista. Existe no Museu Histórico Nacional um retrato da Marquesa de Santos cuja autoria lhe é atribuída.

Milton de Mendonça Teixeira.